
A VARIAÇÃO DIATÓPICA EM TRADUÇÕES RECENTES DA BÍBLIA PARA O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO CONTRASTIVO

Artur Freire Ribeiro¹
Mestrando em Letras - UPM

Everton Levi Matos do Nascimento²
Mestrando em Letras - UPM

RESUMO

O presente artigo tem por tema um exame da variação diatópica entre o português europeu e o português brasileiro a partir de duas traduções recentes da Bíblia. O objetivo principal é analisar o conceito de “português atual” para os editores e tradutores da Bíblia, e o específico, identificar e examinar as principais diferenças morfossintáticas, lexicais e de formas de tratamento em ambas as traduções. Para discorrer sobre essa proposta, os pressupostos teóricos que norteiam a discussão apoiam-se em estudos linguísticos e sociolinguísticos e, em particular, na sociolinguística variacionista, concentrando-se na variação diatópica. O exame se dá pelo cotejo de excertos dos mais variados gêneros de textos bíblicos, que ilustram as diferenças observadas. Os resultados indicam que os editores e tradutores da Bíblia para o português europeu e para o português brasileiro têm compreensões distintas (às vezes, opostas) do que julgam português “atual”, pois é possível observar significativas assimetrias no uso de pronomes, formas verbais do tempo futuro, empréstimos linguísticos, arcaísmos, linguagem inclusiva genérica, objeto nulo, perífrases verbais, entre outras.

Palavras-chave: Variação diatópica. Bíblia. Português europeu. Português brasileiro.

ABSTRACT

The present article has as its theme an examination of the diatopic variation between European Portuguese and Brazilian Portuguese from two recent translations of the Bible. The main objective is to analyze the concept of “current Portuguese” for editors and translators of the Bible, and the specific one, to identify and examine the main morphosyntactic, lexical and treatment differences in both translations. Therefore, the theoretical assumptions that guide the discussion are based on linguistic and sociolinguistic studies and, in particular, on variationist sociolinguistics, focusing on diatopic variation. The examination takes place by comparing excerpts from the most varied genres of biblical texts, which illustrate the differences observed. The results indicate that the editors and translators of the Bible for European Portuguese and for Brazilian Portuguese have different (sometimes, opposite) understandings of what they consider “current” Portuguese, as it is possible to observe significant asymmetries in the use of pronouns, verb forms of the future tense, linguistic borrowings, archaisms, generic inclusive language, null object, verbal periphrases, among others.

Keywords: Diatopic variation. Bible. European Portuguese. Brazilian portuguese.

¹ Endereço eletrônico: arturfribeiro@hotmail.com

² Endereço eletrônico: evertonlevi@gmail.com

Considerações iniciais

Este artigo estuda a variação diatópica, por meio do cotejo de dois *corpora*: uma tradução recente da Bíblia para o português europeu (PE) com outra, também contemporânea, para o português brasileiro (PB). Elas são apresentadas como redigidas em linguagem “atual” e “corrente”, tanto a portuguesa – a versão *a Bíblia para Todos*³ (BPT), publicada pela Sociedade Bíblica de Portugal em 2009⁴ –, quanto a brasileira – a *Nova Almeida Atualizada* (NAA), publicada pela Sociedade Bíblica do Brasil em 2017.

Como toda língua “é uma parte da cultura” (MATTOSO CÂMARA JR., 1995, p. 53; MATEUS, 2001) ao mesmo tempo em que é dela resultado e também se constitui “como uma das dimensões da pertença identitária” (BRITO; MARTINS, 2004, p. 2), é natural e esperado que haja variações de uma língua para outra, assim como há, de uma cultura para outra, pois cultura refere-se, *grosso modo*, a algo produzido pelo homem. São variações entre o PE e o PB “de hoje”, registradas nos *corpora* selecionados, o que se busca examinar aqui.

Embora existam diversos estudos comparativos entre PE e PB, esta pesquisa justifica-se porque compara textos que se dizem atuais – o que possibilita a chegada ao *status* (mais) acurado em que essas variedades linguísticas estão neste primeiro quartel de século XXI. Nesse sentido, são fixados os seguintes objetivos: a) analisar qual é a compreensão que os editores e tradutores da Bíblia têm de “português atual”; e b) identificar e examinar as principais diferenças de formas de tratamento, morfossintáticas e lexicais entre PE e PB no cotejo dos *corpora* escolhidos.

Para a consecução desses propósitos, este artigo respalda-se nos estudos linguísticos e sociolinguísticos, em particular, nos da teoria da variação linguística ou sociolinguística variacionista, concentrando-se na variação diatópica – o que é apresentado na primeira parte do trabalho, sendo seguido de informações fundamentais sobre os *corpora*. A derradeira seção é a análise da variação diatópica do PE e do PB.

Sociolinguística e variação diatópica

³ Marcada desta forma: com “a” inicial minúsculo.

⁴ Em 1993 a Sociedade Bíblica de Portugal, sob orientação das Sociedades Bíblicas Unidas, publicou a tradução interconfessional intitulada “A Boa Nova”, que dizia utilizar a “linguagem da maioria dos portugueses”. Essa edição foi suplantada pela BPT em 2009.

No início do século XX, Franz Boas⁵ instaurou a noção de Antropologia Linguística⁶ no momento em que foi dada especial atenção à relação que existe entre sociedade, língua e cultura. No entanto, essa interdependência foi de certa maneira preterida, em meio ao progresso, por exemplo, do formalismo.

Em meados do mesmo século, linguistas retornaram a esse encadeamento sociolinguístico-cultural, dando origem à Sociolinguística, termo cunhado na década de 1950 (cf. SILVA, 2011; BORTONI-RICARDO, 2014), quando “essa ciência voltou-se prioritariamente para a descrição da variação e dos fenômenos em processo de mudança, inerentes à língua, expandindo-se depois para outras dimensões da linguagem humana” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 13).

Um dos pioneiros e principais pesquisadores nessa área foi, sem dúvida, o americano William Labov, que, a partir de 1963, “(...) veementemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (SILVA, 2011, p. 51). Considerado como o fundador da sociolinguística variacionista, Labov, que tinha formação estruturalista e influência da dialetologia, passou a defender a tese de que a língua é heterogênea (cf. LABOV, 2008 [1972]):

2. A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos. É a existência de qualquer outro tipo de comunidade de fala que deve ser posta em dúvida. Há um certo mito popular profundamente arraigado entre os lingüistas de que, antes deles mesmos entrarem em cena, existia um grupo homogêneo, de estilo único, que realmente ‘falava a língua’. Cada pesquisador acredita que sua própria comunidade foi de algum jeito desviada daquele modelo normal – pelo contato com outras línguas, pelos efeitos da educação e da pressão da língua-padrão, pelos tabus ou pela mistura de dialetos especializados ou jargões. Mas nos últimos anos fomos obrigados a reconhecer que essa é que é a situação normal – a heterogeneidade não é apenas comum, ela é o resultado natural de fatores lingüísticos fundamentais (2008 [1972], p. 238, grifo nosso).

As línguas vivas variam em tão grande quantidade e com tanta frequência, que, para Aurox (1992), passou a ser uma frase cristalizada a asserção de que a mudança é intrínseca à

⁵ De acordo com Silva (2011), foram Franz Boas e Edward Sapir que instauraram a noção.

⁶ Considerar o conceito de Antropologia Cultural, apresentada por Bortoni-Ricardo (2014), em capítulo inteiro dedicado ao tema.

língua. Segundo ele, o processo de mudança de uma dada língua é condição *sine qua non* para ela não ser considerada morta.

Na esteira de Labov, vários estudiosos passaram a defender também que encarar a língua como imutável e homogênea não passa de um mito. As ideias do americano continuam hoje a influenciar pesquisadores de não poucas nacionalidades, incluindo a brasileira, de que são exemplo Ilari e Basso (2006).

Como ocorre com quaisquer línguas vivas, pode haver, na língua portuguesa, alguns tipos de variação, como a diastrática⁷, a diafásica⁸ e a diatópica, esta última privilegiada neste estudo. Apesar dessas possibilidades de variação, uma mesma ocorrência, por exemplo, no léxico, pode ser examinada por um viés diafásico e diatópico, simultaneamente, como se expõe na última parte deste trabalho.

O adjetivo *diatópico* é originário de dois vocábulos gregos: a preposição $\delta\acute{\iota}\alpha$ (dia) e o substantivo $\tau\acute{o}\pi\omicron\varsigma$ (*tōpos*), -ου, ó. Para Malhadas, Dezotti e Neves (2006a, p. 212), enquanto essa preposição, se combinada com o substantivo empregado na função sintática de adjunto adnominal⁹ ou de objeto direto¹⁰, pode ser traduzida por “através de (...), no meio de (...)”, o substantivo *tōpos* significa “lugar; local; localização (...) país; território; região; localidade” (MALHADAS; DEZOTTI; NEVES, 2006b, p. 135; cf. também RUSCONI, 2003, p. 460).

A origem dos termos explica o fato de que essa variação também é denominada *variação regional* ou *variação geográfica*, variação que compreende “as diferenças que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço, quando é falada em diferentes regiões de um mesmo país ou em diferentes países” (ILARI; BASSO, 2006, p. 157).

Mateus (2001), Ilari e Basso (2006), entre outros, arrolam múltiplas distinções entre o PE e o PB em seus respectivos trabalhos. As diferenças listadas por eles se inserem nos níveis fonético, fonológico, morfológico, sintático, lexical, bem como nas formas de tratamento. Em razão de o presente trabalho restringir-se a *corpora* escritos, não se analisarão objetos nos níveis fonético e fonológico.

***Corpora*: breve sumário da história da tradução da Bíblia para o português, com destaque para questões de linguagem**

⁷ A que ocorre conforme a faixa etária, escala social, profissão etc.

⁸ A que se processa segundo o tipo de situação comunicativa exija: mais formal/informal, modalidade falada/escrita etc.

⁹ Caso genitivo.

¹⁰ Caso acusativo.

João Ferreira de Almeida foi o primeiro a traduzir a Bíblia para o português, diretamente de suas línguas de origem (grego, hebraico e aramaico), e a primeira edição desse trabalho foi publicada em 1753¹¹. Essa tradução veio a ficar conhecida como *Almeida Revista e Corrigida*, a partir de 1898, devido a algumas revisões ortográficas e lexicais por que passou desde sua primeira edição.

Já no século XX, além do fortalecimento de várias áreas do saber (como Arqueologia, Teologia, Sociologia e Linguística), houve o estabelecimento e/ou a organização das Sociedades Bíblicas, em especial, no Ocidente, com vistas à maior difusão do Texto Sagrado em todo o mundo. Ambos os fatos concorreram para que novas traduções da Bíblia para a versão “contemporânea” de algumas línguas começassem a ser empreendidas.

Scholz (2013) menciona e descreve uma série dessas traduções elaboradas nos Estados Unidos, México e Brasil, cujas comissões de tradução visavam a um inglês/espanhol/português “simples”, respectivamente. São exemplos desses trabalhos: *Good News Bible*, depois chamada de *Today's English Version*; *Dios habla hoy* e *Bíblia na Linguagem de Hoje*. Destaque-se o advérbio “Hoje”, presente nas três versões, o qual revela o intento de seus editores e tradutores no sentido de oferecer aos leitores um texto antigo em linguagem nova. O que se pode dizer, de modo sucinto, é que as buscas por uma linguagem “atual” (às vezes, simplificada) da Bíblia percorreram todo o século XX e adentraram o XXI.

O período histórico atual já se mostra bem profícuo em matéria de traduções da Bíblia, pois nem se chegou ao término do primeiro quartel de século e, apenas em PE e PB, já há, que se saiba, no mínimo, cinco versões da Bíblia em português “corrente” publicadas: a) em PE: a *Bíblia para Todos* – BPT, com 1ª edição em 2009; e b) em PB: a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* – NTLH, com 1ª edição em 2000¹², a *Nova Versão Internacional* – NVI¹³, com 1ª edição também em 2000, a *Nova Versão Transformadora* – NVT, com 1ª edição em 2016, a *Nova Almeida Atualizada* – NAA, com 1ª edição em 2017.

Dada a exiguidade deste espaço e ainda a necessidade de delimitação do tema, este trabalho elegeu para cotejo duas versões do que, por ora, há de mais recente no que toca a traduções da Bíblia em Portugal e no Brasil. Cabe aqui fazer a observação de que, como há

¹¹ O Novo Testamento fora publicado em 1681. Quando do falecimento de Almeida, em 1691, sua tradução de toda a Bíblia estava prestes a ser concluída (faltando pouco para finalizar a tradução do Antigo Testamento) – o que se deu a partir de 1748, momento em que Jacobo op den Akker deu prosseguimento ao trabalho de Almeida.

¹² A versão “embrionária” desta tradução foi assim publicada: o Novo Testamento (NT), em 1973, e o Antigo Testamento, portanto, a Bíblia toda, em 1988. Esta tradução foi intitulada *Bíblia na Linguagem e Hoje* – BLH.

¹³ A despeito de haver uma tradução em língua inglesa intitulada *New International Version* (NIV), o coordenador do projeto de tradução da NVI, Sayão (2001, p. 82), assegura que a edição brasileira é um trabalho totalmente novo, por vezes bem diverso do que foi feito na versão estrangeira.

somente uma tradução atual disponível em PE, hipóteses podem ser levantadas para esse fenômeno, o que poderia suscitar futuras investigações: há pouca demanda por um PE “atual”; há pouca/menos variação no PE; há maior sensibilidade¹⁴ por parte dos leitores da Bíblia em Portugal. De todo modo, é com essa única opção que se vai cotejar a NAA.

O que os editores e tradutores da BPT e da NAA pretendem oferecer ao seu público leitor? Qual é a proposta dessas versões? São respostas a perguntas como essas o que se faz nas duas subseções imediatas.

PE: a Bíblia para todos

A Sociedade Bíblica de Portugal disponibiliza pouquíssimas informações sobre a BPT e, logo, quase nada é possível saber da proposta do texto, de quem fez parte da comissão de tradução, de quais foram os princípios linguísticos adotados etc. Para leitores estrangeiros, é ainda mais custoso encontrá-las, visto que o contato com o corpo editorial da Sociedade é pouco factível.

Apesar de poucas explicações e escassos elementos acerca dessas questões com que se pudesse trabalhar, encontrou-se, em matéria de linguagem, o seguinte sobre a BPT:

A tradução a BÍBLIA para todos é o que denominamos de uma tradução mais dinâmica¹⁵ (...) para o *português-europeu corrente*. Abre-se mão da consistência formal (...) produzindo uma *tradução que soa natural no português corrente*, procurando *estar ao lado do leitor* expressando *de forma que ele entenda o texto*. É uma tradução interconfessional (...), pensada para o *público em geral*, que habitualmente não tem contacto com a Bíblia e, por essa razão, procura situar-se ao *nível do quotidiano do leitor*. A *linguagem atual desta tradução* torna as narrativas bíblicas e os seus factos históricos *mais fáceis de entender e relacionar* (TRADUÇÕES DA SBP, s.d., grifo e nota de rodapé nossos).

Sobressaem uma preocupação com a recepção da tradução e uma atenção muito especial para com o público, haja vista a necessidade dos editores e tradutores em fazer o texto

¹⁴ Sobre textos sensíveis, ver o excelente trabalho de Lopes (2008), bem como de Neves e Lopes (2016) e Eggers (2019).

¹⁵ Derivado dos estudos de Eugene A. Nida, a tradução por equivalência dinâmica tem por objetivo produzir valor cultural igual ou semelhante ao texto bíblico de origem, tendo como foco da tradução: (1) tanto a reação do receptor da mensagem-texto traduzida, de modo que o efeito seja o mais próximo possível do efeito do texto original em seu receptor original; 2. quanto a transmissão da mensagem do texto. Nas palavras de Nida: “reproduzir, na linguagem do receptor, o equivalente natural mais próximo da mensagem do idioma de origem, primeiro em termos de significado, segundo lugar em termos de estilo” (NIDA; TABER, 1969, p. 12. Tradução nossa).

“soar natural”, “estar ao lado do leitor”, para que este “entenda o texto”. Além disso, infere-se que as outras versões anteriores à BPT não são destinadas ao leitor que não está acostumado com a Bíblia.

PB: Nova Almeida Atualizada

A Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) deu ao leitor diversas informações sobre a nova tradução. Ao explicitar o que motivou a edição da NAA, a SBB registra que “entendeu que era tempo de fazer uma nova¹⁶ atualização, para tornar o texto de Almeida *mais compreensível aos leitores de nosso tempo*” (BÍBLIA SAGRADA, 2017, p. V, grifo e nota de rodapé nossos). Seus editores decidiram que a pergunta norteadora seria esta: “O leitor será capaz de entender o texto sem ter de recorrer ao dicionário?” (BÍBLIA SAGRADA, 2017, p. VI). Significados de expressões idiomáticas, quando não houvesse expressão correspondente em português, também foram traduzidos para o leitor não ter de se valer de outras ferramentas, como enciclopédias, manuais e afins.

Os editores da NAA esclarecem que, porque nela se privilegiou a compreensibilidade, algumas mudanças foram levadas a efeito, como, por exemplo:

3. No caso de palavras arcaicas (...) procurou-se usar sinônimos mais fáceis. (...) No entanto, termos clássicos da teologia, como propiciação, não foram alterados. (...). 4. Os pronomes ‘tu’ e ‘vós’ deram lugar a ‘você’ e ‘vocês’ (...). No entanto, sempre que alguém se dirige a Deus em oração, como, por exemplo, nos Salmos, a forma de tratamento é ‘tu’. (...) 5. (...) houve o cuidado com a adoção das formas de tratamento adequadas a cada caso [nos diálogos]. (...) 6. (...) a ordem [dos termos da oração] foi alterada, em muitos casos, para sujeito antes do verbo (...), que é mais *natural* em língua portuguesa — exceto em textos poéticos e orações, nos quais a expressividade da linguagem é privilegiada. 7. Intercalações ou mesóclises, do tipo ‘louvar-te-ei’ (...), foram transformadas em formulações mais *usuais* no português brasileiro atual (‘eu te louvarei’). 10. (...) Em vez de orações subordinadas, deu-se preferência a orações coordenadas, seguindo o estilo do texto original hebraico. 11. Revisando os períodos longos, procurou-se, na medida do possível, transformá-los em frases mais curtas. (BÍBLIA SAGRADA, 2017, p. VI-VII, grifos nossos).

¹⁶ Isso porque a NAA deriva da edição brasileira *Almeida Revista e Atualizada* (ARA), que já se dizia atualizada em 1959.

Verifica-se que ser “atual”, para os editores da NAA, tem a ver com léxico, clareza, efeito de sentido, pragmática – tópicos abordados de maneira mais detida para garantir, em matéria de linguagem, na ótica de seus tradutores, fruição, contemporaneidade e inteligibilidade ao texto.

As variações diatópicas podem ser observadas quando se comparam as traduções selecionadas neste estudo. É esse cotejo entre a BPT e a NAA o que se passa a fazer agora. A finalidade é analisar, ainda que sucintamente, algumas modificações que se apresentam como texto “corrente”. As amostras subsequentes apontam variedade geográfica da linguagem no léxico, na morfossintaxe e em formas de tratamento.

Análise

Nesta última seção, são cotejados e analisados fragmentos dos *corpora*, denominados aqui BPT e NAA, cujas edições são *A Bíblia para todos* (2009) e *Bíblia Sagrada* (2017), respectivamente. Os textos serão dispostos um ao lado do outro: o da BPT, à esquerda, seguido de outro da NAA, à direita. Quando possível, apenas um exemplo de texto bíblico será dado para cada critério de análise, pois este espaço é curto e não se pretende exaustivo. Para a exemplificação, conta-se, em parte, com Eggers (2019).

A fim de encaminhar esta seção, vão-se buscar as respostas para a pergunta: *Quais são as principais diferenças lexicais e morfossintáticas e na forma de tratamento entre PE e PB identificáveis pelo cotejo dos corpora escolhidos?* Para responder a ela, os procedimentos de análise, comentados brevemente, serão dados no momento exato da comparação.

Nível lexical: empréstimo linguístico de origem africana

Naum 3.18 ¹⁷	
Ó rei da Assíria, onde dormem os teus governadores? Onde jazem os teus heróis? O teu povo anda disperso pelas montanhas e ninguém o poderá reunir.	Os seus pastores dormem, ó rei da Assíria; os seus nobres cochilam . O seu povo está espalhado pelos montes, e não há quem possa ajuntá-lo.

O verbo hebraico שָׁכַן (*shakan*) denota: (1) o ato de instalar-se, residir ou habitar, no sentido de estabelecer moradia fixa; (2) ainda, em uma acepção mais distante, e menos

¹⁷ O primeiro número refere-se ao capítulo do livro bíblico, capítulo este que é separado por ponto do(s) versículo(s).

recorrente em derivações no uso do verbo (שָׁכַב *shakab*), o ato de deitar-se para ter relações sexuais; (3) e, ainda mais distante, estar morto, jazer.¹⁸

No PE, a opção foi por traduzi-lo como “jazer”, que, embora polissêmico, em última instância, evoca o ato de estar deitado, estar ou parecer morto, ter sido sepultado – do latim *jacere*. Já no PB, o termo escolhido foi “cochilar” que, em seu sentido literal, alude ao ato de dormir levemente podendo derivar, a depender de seu uso, para o sentido de estar desatento e, ainda, perder uma oportunidade. O que levaria um tradutor, no caso da versão em PB, a escolher um sentido que difira tanto do uso no original?

Essa reposta pode ser obtida à luz da recente história do Brasil, quando, a fim de lograrem êxito no cultivo da cana de açúcar e na manutenção dos engenhos, os portugueses trouxeram às terras tupiniquins mão de obra escrava africana, que, entre alguns conhecimentos técnicos de agricultura e outros, influenciaram a sociedade canvieira com seus vocábulos e termos.

Tomando como referência o *Dicionário Kimbundu-Português*, é inevitável afirmar que o verbo cochilar é o “aportuguesamento” dos verbos, de matriz africana, *kukóxa* (cabecear - por efeito de sono) e *kukoxila* (toscanear; coxilar¹⁹; dormir) (cf. ASSIS JÚNIOR, s.d., p. 196). Logo, ao que tudo indica, a escolha do termo “cochilar” na tradução o verbo שָׁכַב *shakan* se deu em função da influência da cultura africana, utilizada pelo tradutor como forma de simplificar e atualizar a linguagem.

Salmos 2.3 é outro empréstimo linguístico (de origem árabe), mas, novamente, apenas no PB.

Nível lexical: arcaísmos e/ou palavras em desuso²⁰

Isaías 1.23	
<i>parturiente</i>	
Perante isto, fiquei cheio de angústia, assaltaram-me as dores como as duma <u>parturiente</u> ; estou assustado de ouvir tais coisas e espantado de as ver.	Por isso, os meus lombos estão cheios de angústia; tive dores como as dores <u>da mulher que está dando à luz</u> ; contorço-me de dores e não posso ouvir, desfaleço e não posso ver.
Josué 5.9	
<i>opróbrio</i>	

¹⁸ Bíblia ARA com Números de Strong – versão digital para APP, Olive Three.

¹⁹ A ortografia está registrada assim na obra citada.

²⁰ Do ponto de vista brasileiro.

Disse então o Senhor a Josué: «Hoje retirei do vosso meio o <u>opróbrio</u> da geração que saiu do Egito.» Por causa disso, chamou-se àquele lugar Guilgal, nome que dura até hoje.	Então o Senhor disse a Josué: — Hoje removi de vocês a <u>vergonha</u> do Egito. Por isso aquele lugar foi chamado de Gilgal até o dia de hoje.
---	---

No PE ainda são considerados modernos os substantivos *parturiente* e *opróbrio*, que, no PB, segundo a NAA, dão lugar a *mulher que está dando à luz* e *vergonha*, respectivamente, por serem reputados como obsoletos.

Nível lexical: termos da teologia ou do repertório de professo

Romanos 4.25	
<i>justificação</i>	
Ele foi entregue à morte por causa dos nossos pecados e ressuscitou para nossa <u>justificação</u> .	o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou para a nossa <u>justificação</u> .
Romanos 6.19	
<i>iniquidade</i>	
Eu falo como homem por causa da dificuldade que têm em compreender estas coisas. Antigamente entregavam-se como escravos à impureza e à <u>iniquidade</u> para cometerem más ações. Pois agora entreguem-se ao serviço da justiça de Deus para serem santos.	Falo em termos humanos, por causa das limitações de vocês. Assim como ofereceram os seus membros para que fossem escravos da impureza e da <u>maldade</u> que leva à maldade, assim ofereçam agora os seus membros para que sejam servos da justiça para a santificação.

Uma vez que os substantivos destacados não sejam de conhecimento comum a todo leitor, infere-se que a BPT e a NAA entenderam que não poderiam prescindir dos termos teológicos *justificação* e *iniquidade*, este último registrado como *maldade* na NAA, haja vista a importância deles para o cristianismo, pois o conceito de justificação figura como um dos axiomas mais indispensáveis à fé cristã.

Desde os primórdios da igreja cristã, não faltaram esforços dos primeiros discípulos de Cristo (em especial, dos apóstolos), em dar a devida tratativa a esse tema. Os termos gregos transliterados *dikaiôun*, *dikaíosis*, *dikaiosýne* arregimentam o *background* de todo trabalho teológico do apóstolo Paulo quanto ao conceito de justificação, formando um campo semântico que, *grosso modo*, reverbera o tripé do entendimento paulino sobre “a declaração de justiça, a justificação de *per si* e o conceito de justiça como fundamento da declaração de estar justo, além da própria justificação” (CAVALCANTE, 2001, p. 1).

No *corpus* teológico reformado²¹, o conceito de justificação passou, então, a ser visto sob um olhar jurídico de aspecto forense. Martinho Lutero, em suas reflexões sobre o assunto, assevera que “a justificação é um termo jurídico que significa pronunciar e tratar como justo, justificar” (McGRATH, 1986, p. 221, *apud* CAMPOS, 1996, p. 3). Já para João Calvino, a justificação dá-se “quando Deus declara o pecador justo; ele é aceito e perdoado por causa de Cristo somente” (REID, 1980, p. 294, *apud* CAMPOS, 1996, p. 3). Assim, para o reformador genebrino, “justificado pela fé é aquele que, excluído da justiça das obras, agarra-se à justiça de Cristo através da fé, e vestido com ela, aparece na vista de Deus não como um pecador, mas como um homem justo” (Art. IV, 22, 1959, 143, 252, *apud* CAMPOS, 1996, p. 3).

Nível lexical: linguagem inclusiva genérica

Mateus 4.4, 19	
⁴ Jesus respondeu: «A Sagrada Escritura diz: Não <u>se</u> vive só de pão, mas também de toda a palavra que vem de Deus.»	⁴ Jesus, porém, respondeu: — Está escrito: “O <u>ser humano</u> não viverá só de pão, mas de toda palavra que procede da boca de Deus.”
¹⁹ Jesus disse-lhes: «Venham comigo e eu vos farei pescadores de <u>homens</u> .»	¹⁹ Jesus lhes disse: — Venham comigo, e eu os farei pescadores de <u>gente</u> .

Por um lado, a BPT indetermina o sujeito no versículo 4 e utiliza o substantivo masculino plural, com o sentido de homens e mulheres, no 19; por outro, a NAA emprega a tendência moderna da linguagem inclusiva de gênero em ambos os casos: *ser humano* e *gente*, a despeito de o primeiro ser masculino. Outros exemplos podem ser encontrados em Gênesis 1.27, Eclesiastes 3.11-13, Efésios 4.11-14.

Esses casos explicitam que o PB está mais propenso ao uso da linguagem inclusiva genérica do que o PE.

Nível lexical: textos cristalizados na tradição religiosa ou considerados de difícil tradução

João 3.16

²¹ Proveniente da Teologia Reformada, que, por assim dizer, é o desenvolvimento intelectual e religioso da Reforma Protestante, que tem, entre seus precursores, Filipe Melâncton, Martinho Lutero e João Calvino. Tal desenvolvimento teve inúmeros frutos, a saber: a tradução, por Lutero, da Bíblia, do Latim para o vernáculo alemão, diversos documentos de cunho doutrinário, apologético e ortoprático, como, por exemplo, os chamados Símbolos de Fé de Westminster, bem como obras que até hoje são referências aos labores teológicos, das quais é possível destacar as Institutas da Religião Cristã, do reformador de Genebra, João Calvino.

Deus amou de tal modo o mundo que <u>entregou o seu Filho único</u> , para que todo o que nele <u>crer</u> não se perca, mas tenha a vida eterna.	— Porque Deus amou o mundo de tal maneira <u>que deu o seu Filho unigênito</u> , para que todo o que nele <u>crê</u> não pereça, mas tenha a vida eterna.
Salmos 119.105	
A tua palavra é o <u>farol</u> que me guia; é a luz do meu caminho.	<u>Lâmpada</u> para os meus pés é a tua palavra; ela é luz para os meus caminhos.
Romanos 12.2	
Não vivam de acordo com as normas deste mundo, mas <u>transformem-se</u> , adquirindo uma nova mentalidade. Assim compreenderão qual é a vontade de Deus, isto é, o que é bom, o que lhe é agradável e o que é perfeito.	E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas <u>deixem que Deus os transforme</u> pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

O texto de João 3.16 é um dos mais conhecidos do cristianismo, e talvez isso explique o fato de ele pouco ser modificado nas mais diversas traduções. Um ponto que salta aos olhos é o emprego do futuro do subjuntivo no PE, pela BPT, denotando uma hipótese, ao passo que a NAA prefere o uso do presente do indicativo no PB, trazendo consigo o sentido de algo factível.

Já a metáfora “lâmpada para meus pés”, presente neste trecho dos Salmos, muito conhecida dos leitores da Bíblia, é substituída no PE por “farol que me guia”, mas mantida no PB, embora a noção de lâmpada como utensílio para iluminar os pés seja algo dos povos antigos, quando não havia ainda energia elétrica.

No terceiro exemplo, a BPT emprega a voz passiva sintética – o que autoriza a interpretação de que os próprios leitores da carta executariam a ação de se transformarem. Essa leitura, porém, não é permitida na versão em PB, pois a NAA faz questão de explicitar o sujeito agente Deus, que realiza a ação de transformar.

Nível morfossintático: posição do sujeito

1 Samuel 16.4,5	
Samuel fez o que o Senhor lhe disse. Ao chegar a Belém, os anciãos da cidade saíram ao seu encontro com um certo medo e perguntaram-lhe: « <u>A tua visita</u> é de paz?» «Sim!», respondeu <u>ele</u> . «Eu vim aqui para oferecer sacrifícios ao Senhor. Portanto, purifiquem-se e venham comigo também.» Disse a Jessé e aos seus filhos	Samuel fez o que o Senhor tinha dito e foi a Belém. Os anciãos da cidade saíram ao encontro dele, tremendo, e perguntaram: — É de paz <u>a sua vinda</u> ? Samuel respondeu: — Sim, é de paz. Vim oferecer sacrifício ao Senhor. Consagrem-se e venham comigo ao sacrifício.

para se purificarem, e convidou-os em seguida para o sacrifício.	Então ele consagrou Jessé e os filhos dele e os convidou para o sacrifício.
--	---

Tanto o PE quanto o PB evitam a posposição do sujeito ao verbo, embora ela possa ocorrer, como nos exemplos em destaque.

Nível morfossintático: a casa do sujeito

1 Timóteo 1.3	
Peço-te que \emptyset continues em Éfeso, como já te pedi ao sair para a Macedônia. É preciso que \emptyset convenças alguns daí a não ensinarem doutrinas diferentes.	Quando eu estava de viagem, rumo à Macedônia, pedi a você que \emptyset ainda permanecesse em Éfeso para admoestar certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina,
1 Timóteo 3.14,15	
Escrevo-te estas coisas, mas espero ir, em breve, ter contigo. Entretanto, se eu demorar, \emptyset ficas a saber como \emptyset te deves comportar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo. Ela é a coluna e o fundamento da verdade.	Escrevo estas coisas a você, esperando ir vê-lo em breve. Mas, se eu demorar, <u>você</u> saberá como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e fundamento da verdade.

Verifica-se que, no PE, há uma inclinação maior para deixar vazia a casa do sujeito quando o tópico da conversa é o interlocutor. Já no PB essa tendência é de preenchimento.

Nível morfossintático: pronome de 2ª pessoa do plural

Mateus 5.14-16	
<u>Vocês são</u> a luz do mundo. Uma cidade situada no alto de um monte não se pode esconder. Também não se acende um candeeiro para o pôr debaixo da caixa. Pelo contrário, põe-se mas é num lugar em que alumie bem a todos os que estiverem em casa. Do mesmo modo, <u>facam</u> brilhar a <u>vossa</u> luz diante de toda a gente, para que vejam as <u>vossas</u> boas ações e deem louvores ao <u>vosso</u> Pai que está nos céus.»	— <u>Vocês são</u> a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada no alto de um monte. Nem se acende uma lamparina para colocá-la debaixo de um cesto, mas num lugar adequado onde ilumina bem todos os que estão na casa. Assim <u>brilhe</u> também a luz <u>de vocês</u> diante dos outros, para que vejam as boas obras que <u>vocês fazem</u> e glorifiquem o Pai <u>de vocês</u> , que está nos céus.

Algo que se considera um fenômeno singular ao PE de hoje é a “mistura” dos pronomes. O PE usa o *vocês*²², em vez do *vós* da 2ª pessoa do plural, que se arcaizou (cf. FARACO, 2017 [1996]), conjugando o verbo em concordância com a 2ª pessoa do plural,

²² Embora seja originariamente uma forma de tratamento não cerimoniosa, o termo recebeu o *status* de pronome de segunda pessoa há alguns anos, sobretudo na região sudeste do Brasil.

vocês, mas combina, em uma mesma oração, este último pronome e seu verbo correspondente com o pronome adjetivo possessivo *vosso*, que também é da 2ª pessoa do plural. Para uma investigação futura, fica a questão: esse será um caso de variação diafásica?

De qualquer forma, Faraco (2017 [1996], p. 125) aponta uma explicação para essa mistura em tela: “*Vosso* sobreviveu com seu valor antigo de tratamento formal do interlocutor, mas independente da ocorrência de *vós*: ele agora está relacionado com qualquer dos modos formais de tratamento” (Grifos no original), como é o caso de *vocês* na BPT.

Fenômeno aparentado ocorre no PB, que, em vez disso, mistura o pronome *tu*, de 2ª pessoa do singular, com formas conjugadas do verbo na 3ª pessoa. Essa última mescla é mais comum na fala informal do PB de algumas regiões brasileiras, fato não registrado, pois, na NAA.

Nível morfosintático: colocação dos clíticos pronominais

Gênesis 1.29	
Deus continuou: «Dou- vós todas as plantas que produzem semente e que existem em qualquer parte da terra e todas as árvores de fruto, com a sua semente própria. É isso que devem comer.	E Deus disse ainda: — Eis que lhes tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso servirá de alimento para vocês.

Como já apontado por Mateus (2001), o PE coloca os clíticos pronominais na posição enclítica, ao passo que o PB coloca-os habitualmente na posição proclítica. Ambas as variedades do português evitam a mesóclise.

Nível morfosintático: perífrase verbal – Estar prep.Vinf vs. Estar Vger

Êxodo 18.14	
Ao ver ao que Moisés sujeitava o povo, o sogro disse-lhe: «Que estás tu a fazer a esta gente? Por que te sentas sozinho para julgar e deixas esta multidão de pé, diante de ti, durante todo o dia?»	Quando o sogro de Moisés viu tudo o que ele fazia ao povo, perguntou: — Que é isto que você está fazendo ao povo? Por que você fica sentado sozinho e todo o povo está em pé diante de você, desde a manhã até o pôr do sol?

Algo também apontado por Mateus (2001) é o caso do que se chama aqui de *perífrase verbal*, termo emprestado de Alzamora (2018). Para esta, como é complexa a conceituação de perífrase verbal, entendendo alguns se tratar do mesmo que *locução verbal*, termo mais difundido no PE e no PB, ela assevera, em seu excelente estudo:

considera-se perífrase verbal apenas uma combinação sintático-semântica em que um verbo flexionado (auxiliar/semiauxiliar) se relaciona com uma forma verbal não flexionada (infinitivo ou gerúndio) de um outro verbo (principal ou ‘auxiliado’), com ou sem intercalação de preposição, no caso da combinação do verbo auxiliar com o verbo principal no infinitivo, sendo estas construções responsáveis pela marcação de diferentes valores gramaticais (ALZAMORA, 2018, p. 24).

Nesse caso, a construção preferida no PE é *Estar + Preposição “a” + Verbo no infinitivo*; já a opção frequentemente usada no PB, em igual posição, é a perífrase *Estar + Verbo no gerúndio*. O exemplo em destaque do PE é o que Mateus (2001) denomina “predicado secundário”, pois, entre o verbo *estar* e o restante da perífrase, há um sujeito.

Nível morfossintático: perífrase verbal – Haver de Vinf vs. Futuro do presente do indicativo/ Futuro do subjuntivo

Gênesis 12.2	
Farei de ti um grande povo; <u>hei de abençoar</u> -te e tornar-te famoso. O teu nome será uma bênção.	Farei de você uma grande nação, e o <u>abençoarei</u> , e engrandecerei o seu nome. Seja uma bênção!
João 1.33	
Eu não sabia que era ele, mas aquele que me enviou a batizar em água, tinha-me anunciado: “Tu <u>hás de ver</u> o Espírito descer e ficar sobre um homem. Esse é o que batiza no Espírito Santo.”	Eu não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: “Aquele sobre quem você <u>vir</u> descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo.”

Alzamora (2018) demonstra que uma das perífrases presentes no PE atual é aquela formada pelo verbo *Haver + Preposição “de” + Verbo no infinitivo*, perífrase que “expressa um valor modal de certeza, quando a relação predicativa tem valor temporal de posterioridade em relação ao tempo da enunciação” (ALZAMORA, 2018, p. 79). É o que a BPT registra no texto bíblico, algo bem diferente do PB, publicado na NAA, que emprega o futuro do indicativo *abençoarei* e o futuro do subjuntivo *vir*.

Nível morfossintático: tempo futuro e voz passiva

Mateus 7.7,8	
«Peçam e Deus vos dará; procurem e não de encontrar; batam à porta e ela há de <u>abrir-se-vos</u> , pois aquele que pede, recebe;	— Peçam e <u>lhes será dado</u> ; busquem e acharão; batam, e a porta <u>será aberta para vocês</u> . Pois todo o que pede recebe; o que

aquele que procura, encontra; e a quem bate, <u>a porta se abrirá.</u>	busca encontra; e, a quem bate, <u>a porta será aberta.</u>
--	---

Pelos exemplos, observa-se que, quando se trata de tempo enunciativo futuro, há uma predileção pela voz passiva sintética em PE; em PB, a preferência é pela voz passiva analítica com agente da passiva ausente. A BPT e (mais ainda) a NAA parecem utilizar esse recurso para “fugir” da mesóclise, que ocorre, lembre-se, precisamente no futuro.

Nível morfosintático: objeto direto preenchido ou nulo

Gênesis 30.28	
Diz-me então que salário pretendes, que eu <u>to</u> pagarei.»	E Labão continuou: — Fixe o seu salário, que eu pagarei ²³ .

Uma das principais distinções entre o PE e o PB é que o primeiro quase sempre preenche o objeto direto anafórico e apenas com o clítico (CYRINO; REICH, 2001; GALVES, 2001; NEVES, no prelo; KATO, 2011; CYRINO, 2020), e o segundo deixa-o nulo frequentemente. O objeto direto nulo consiste na “ausência de pronomes clíticos acusativos de terceira pessoa” (CYRINO; REICH, 2001, p. 360).

O PB, na verdade, pode preencher o objeto direto com o pronome clítico acusativo de 3ª pessoa, fazê-lo com o pronome cheio (*ele(s)/ela(s)*) ou deixá-lo nulo, como ocorre no exemplo da NAA.

Além disso, o objeto direto nulo ocorre tanto na fala quanto na escrita (GALVES, 2001, p. 74) e “tem características próprias que o distinguem [de suas ocorrências em outras línguas]” (CYRINO, 2020, p. 388).

Tarallo (1993 *apud* SIMÕES, 2010) demonstra que o uso objeto direto nulo, ainda raro no século XVIII, no Brasil, foi aumentado, desde então, através dos séculos, a ponto de, na segunda metade do séc. XVIII, a regularidade do objeto nulo ser de apenas 14,2%, mas, na segunda do século XX, ter chegado a 81,1% (cf. CYRINO, 1993 *apud* SIMÕES, 2010).

Para Galves (2001, p. 74), o objeto nulo é “extremamente frequente” em PB, em contraste com um uso de importância secundária ou quantitativamente fraco em PE – o que indica que os tradutores e editores da NAA, ao fazerem uso do objeto direto nulo, registraram seu texto de maneira que ele ficasse com matizes tipicamente brasileiras, em um claro afastamento da primeira tradução feita por Almeida em 1753. Em outros termos, essa versão

²³ A ocorrência de objeto direto nulo vem marcada neste trabalho com o sublinhado (___).

mais recente abrigou o texto bíblico, e disso é mostra esse fenômeno linguístico em destaque.

Formas de tratamento

Mateus 3.14	
Este, porém, negava-se a isso exclamando: «Sou eu quem tem necessidade de ser batizado por <u>ti</u> e <u>tu</u> é que vens ter comigo?»	João, porém, quis convencê-lo a mudar de ideia, dizendo: — Eu é que preciso ser batizado por <u>você</u> , e é <u>você</u> que <u>vem</u> a mim?

Já se mostrou neste trabalho que PE e PB “atuais” usam a forma de tratamento “você/vocês”, mas não indistintamente. Ocorre que o PE intercala essa forma de tratamento com o uso do “tu/vós” na interação íntima/familiar, ao passo que o PB usa majoritariamente o “você/vocês” nesse mesmo tipo de situação comunicativa, de acordo com Mateus (2001; 2005).

Quando há deferência na interação, Mateus (2001; 2005) afirma que o PE se vale do nome próprio, do cargo, do título ou do grau de parentesco, enquanto o PB emprega as formas *o senhor*, *a senhora*. Cotejem-se, por exemplo, as passagens bíblicas do Evangelho de Mateus 8.19; 12.38; 13.10, 27; 14.33 na BPT e na NAA. É possível verificar que a tradução portuguesa usa *Mestre*, quando a brasileira emprega *o senhor*.

Por fim, a forma de tratamento *você* é a opção clara do PB e largamente utilizada na maior parte do Brasil, conforme não poucos linguistas já defenderam, a exemplo disso são os trabalhos de Faraco (2017 [1996]), Mateus (2001; 2005) e Lopes e Cavalcante (2011), entre outros.

Considerações finais

No mundo, especialmente no Ocidente, muitas traduções da Bíblia têm sido produzidas, com vistas a deixar o texto bíblico com uma linguagem que os editores e tradutores compreendem como “atual”. Porém, apesar de um mesmo idioma, como é o caso do português, dadas as especificidades e a formação cultural de cada região, pode haver diferentes interpretações para o que seja “atual”. Isso é o que foi possível examinar neste artigo, pois PE e PB apresentam diferenças entre si.

A um só tempo, então, evidenciou-se a compreensão da noção de “português atual” para os editores e tradutores da Bíblia, bem como distinguiram-se aspectos morfosintáticos,

lexicais e das formas de tratamento do PE e do PB. Com isso, entende-se que o presente trabalho alcançou os objetivos propostos.

Na busca por maior compreensibilidade, os editores e tradutores da Bíblia têm alterado o texto. A preocupação deles tem sido com a recepção do texto e, por isso, buscam “facilitar” o trabalho de quem lê a Bíblia. Empregam, por exemplo, vocábulos e construções sintáticas que entendem fazer parte do repertório de seu público-alvo.

Nesse emprego, verificam-se variações diatópicas ainda permanentes entre o PE e o PB, como o empréstimo linguístico, mais presente no PB, talvez devido à miscigenação tão própria da formação do povo brasileiro. Também foi possível identificar maior tendência, no PE, pela casa do sujeito vazia, pelo uso misturado de pronomes de 2ª pessoa do plural e por determinadas perífrases verbais. Ao lado disso, no PB, há uma propensão pela casa do sujeito preenchida e pelo acusativo anafórico nulo, entre outros aspectos.

Por fim, o trabalho realizado apresenta dados novos para os estudos sociolinguísticos, em especial, àqueles voltados para a variação diatópica, bem como permite que se veja um quadro abrangente de como a língua portuguesa tem sido usada – o que pode servir aos interessados em linguística funcional. Além disso, os pesquisadores em tradução, em particular, em tradução da Bíblia, podem valer-se do que se examinou neste estudo para a produção de novos materiais e versões bíblicas.

Referências

A BÍBLIA para todos. Edição comum. Tradução interconfessional. Texto bíblico e material adicional. Lisboa, Portugal: Sociedade Bíblica de Portugal, 2009.

ALZAMORA, Helena Isabel. **As perífrases verbais no português europeu contemporâneo.** 2018. 337 f. Tese (Doutoramento em Linguística). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa – UNL, 2018.

ASSIS JÚNIOR, António. **Dicionário Kimbundu–Português:** Linguístico, botânico, histórico e corográfico. Luanda/Angola: Argente, Santos & Cia. L^{tda}, s.d. Disponível em: <https://rmirandas.wixsite.com/identidafrica/dicionariokimbunduportugues>. Acesso em: 17 nov. 2021.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização.** Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas/SP: Unicamp, 1992.

BÍBLIA SAGRADA – Nova Almeida Atualizada. Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 3ª ed. rev. e atual. (Nova Almeida Atualizada). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRITO, Regina Helena Pires de; MARTINS, Moisés de Lemos. Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária em contexto lusófono. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, n. 2. São Paulo: Federação Lusófona de Ciências da Comunicação, 2004, p. 69-77.

CAMPOS, Heber Carlos. A Justificação pela Fé nas Tradições Luterana e Reformada: Um Ensaio em Teologia Comparativa. **Fides Reformata**, 1/2, 1996. Disponível em: https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/02/3_A_Justificação_pela_fé_nas_Tradições_Luterana_e_Reformada_Heber_Campos.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

CAVALCANTE, Ronaldo. A Doutrina da Justificação pela Fé – Um exercício em Diálogo Teológico Bilateral – Parte. **Fides Reformata**, 6/1, 2001. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2020/01/3-A-doutrina-da-justificacao-pela-fe-Ronaldo-Cavalcante.pdf>. Acesso em 15 nov. 2021.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini. Objetos nulos em português brasileiro. **Cuadernos de la ALFAL**, 2020.

CYRINO, Sonia Maria Lazzarini.; REICH, Uli. Uma visão integrada do objeto nulo no Português Brasileiro. **Romanistisches Jahrbuch**, v. 52, n. 1, 2001, p. 360-386.

EGGERS, Quéfren de Moura. **Sensibilidade, inteligibilidade e tradição em tradução bíblica: um comentário sobre o projeto de revisão da tradução de João Ferreira de Almeida na versão brasileira Revista e Atualizada**. 211 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2019.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. **LaborHistórico**, v. 3, n. 2, p. 114-132, 2017 [1996].

GALVES, Charlotte Marie Chambelland. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2001.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KATO, Mary. A natureza do objeto nulo e do nome nulo no português europeu. **Intercâmbio. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**. v. 23, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, Célia Regina dos S.; CAVALCANTE, Sílvia Regina de O. **A cronologia do Voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te**. **Linguística**, n. 25, 2011, p. 30-65.

LOPES, Mariú Moreira Madureira. **A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais**. 2008. 209 f. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie – MACKENZIE, 2008.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura. **Dicionário grego-português**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006a, v. 1.

MALHADAS, Daisi; DEZOTTI, Maria Celeste Consolin; NEVES, Maria Helena de Moura. **Dicionário grego-português**. Cotia: Ateliê Editorial, 2006b, v. 5.

MATEUS, Maria Helena Mira. **A mudança da língua no tempo e no espaço**. 2005. Disponível em: <https://bityli.com/capbook>. Acesso em: 7 nov. 2021.

MATEUS, Maria Helena Mira. **Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes?** 2001. Disponível em: https://www.academia.edu/download/47563927/IMP_Se_a_lingua_e_um_factor_de_identificacao_cultural.pdf. Acesso em: 7 nov. 2021.

MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. Língua e cultura. **Revista Letras**, v. 4, 1995.

NEVES, Maria Helena de Moura; LOPES, Mariú Moreira Madureira. Texto bíblico e “tradução”: a “voz divina” no plano humano da coenunção. **Cadernos de Tradução**, v. 36, p. 205-236, 2016.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Português do Brasil e Português de Portugal. Os fatos e as análises**. No prelo.

NIDA, Eugene Albert.; TABER, Charles Russell. **The Theory and Practice of Translation**. Leiden: E. J. Brill. 1969.

RUSCONI, Carlo. **Dicionário do Grego do Novo Testamento**. Tradução: Irineu Rabuske. São Paulo: Paulus, 2003.

SAYÃO, Luiz. A. T. **NVI: A Bíblia do Século 21**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

SCHOLZ, Vilson. **40 anos de Bíblia na Linguagem de Hoje: as grandezas de Deus em nossa própria língua**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

SILVA, Edila Vianna da. **A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação**. 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/049.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2021.

SIMÕES, Adriana Martins. **Clítico, objeto nulo ou pronome tônico? Quanto e como a variação/mudança no paradigma do preenchimento pronominal do objeto acusativo de 3ª pessoa no português brasileiro se reflete na aquisição/aprendizagem do espanhol pelos aprendizes brasileiros ao longo das gerações**. 2010. 255 f. Dissertação (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2010.

TRADUÇÕES DA SBP. Disponível em: <https://biblia.pt/traducoes-da-sbp>. s.d. Aceso em: 23 out. 2021.

Envio: março/2022